

## **Estácio, *Silvas*, V, 4: introdução, tradução e notas**

Everton da Silva Natividade  
[everton\\_natividade@yahoo.com.br](mailto:everton_natividade@yahoo.com.br)

Faculdade de Letras, UFMG  
Programa de Pós-Graduação em Letras Clássicas, USP

Fernanda Messeder Moura  
[fernanda.messeder@gmail.com](mailto:fernanda.messeder@gmail.com)  
Faculdade de Letras, UFMG

Da obra de *Publius Papinius Statius* (Públio Papínio Estácio, c. 40-50 — 95-96 d.C.), autor do período flaviano, sobrevivem um poema épico em doze livros, a *Tebaida*, cinco livros de poemas, as *Silvas*, e dois livros em celebração de Aquiles, a *Aquileida*, cuja composição se viu interromper pelo advento da morte do poeta. No curso do tempo, perderam-se um libreto de pantomimas sobre Agave e um épico, de que dispomos de quatro versos apenas, sobre a campanha domiciniana contra os germanos.

A composição da *Tebaida*, tradicionalmente datada em torno de 80 d.C., custou-lhe doze anos; versa sobre a rivalidade entre os irmãos Etéocles e Polinice, tendo por modelo a lendária *Sete contra Tebas*, última peça da trilogia de Ésquilo referente ao ciclo tebano. Nesta tragédia, Etéocles rompe o acordo fraterno da sucessão alternada do trono deixado por Édipo e reivindica para si o lugar que pertenceria a Polinice. Acompanhado de seis generais, Polinice ocupa cada uma das sete portas que defendem a cidade de Tebas, sem que saiba que está prestes a combater contra seu próprio irmão, luta que resulta na morte de ambos.

Quanto ao segundo épico a que, embora parcialmente, temos acesso, a *Aquileida*, os críticos são concordes em admitir como data de sua composição o ano que coincide com o retorno de Estácio à região da Campânia, região essa que compreende sua terra natal, Nápoles, no ano de 95 d.C. A direção temática que teria tomado a narrativa épica sobre Aquiles se apresenta como uma questão não resolvida: a forma

incipiente em que nos chegam os livros I e II não nos permite mais do que aventar possibilidades do que teria sido o desenvolvimento de sua temática. Do que temos no primeiro livro, lemos sobre a ascendência de Aquiles e seu desígnio de tomar parte na guerra de Tróia; no segundo, inacabado, sobre Aquiles no navio que o leva à Tróia, envolto em reminiscências de seu passado.

Entre a composição da *Tebaida* e a da *Aquileida* se encontra a das *Silvas*, entre os anos de 90 e 95 d.C. A escolha, para o título, de *silvae*, termo que normalmente significaria “florestas” ou “selvas”, explicita o caráter variado de sua matéria poética, a exemplo de espécies de árvores diversas que se entrelaçam numa mesma floresta, na medida em que, como aponta Harvey<sup>1</sup>, o uso de *silva* o torna significante de “um poema ocasional *ex tempore*”. Acerca da forma em que está disposta, há, para cada livro de poemas, como prefácio, uma *epistula* endereçada a um amigo, e os versos dos poemas, escritos, em sua maior parte, em hexâmetros dactílicos. No que concerne à temática, situações corriqueiras para os romanos, como a descrição de um monumento (I,1), de uma *uilla* (I,3), das calendas de dezembro (I,6), consolações (II,6; III,3) e cantos fúnebres (V,1; V,3; V,5), e.g., pertencentes ao universo cotidiano, são deslocadas, a partir de sua celebração em verso, para um universo elevado e poético. Assim, acompanhamos, nas *Silvas*, “um belo caso de sincretismo literário” em que “as circunstâncias impuseram a sua variedade a exercícios de composição”<sup>2</sup>, o que leva Grimal a se referir aos poemas que constituem as *Silvas* como “peças nascidas de uma inspiração repentina”<sup>3</sup>.

São antológicos os poemas I, 1, em que se descreve o colosso eqüestre do imperador Domiciano; II, 5, poema que versa sobre o leão domesticado; IV, 6, a respeito de uma estatueta de Hércules, posta sobre uma mesa de refeição; V, 3, canto

<sup>1</sup> HARVEY, Paul. *The Oxford Companion to Classical literature*. Oxford: Clarendon Press, 1955, p. 395.

<sup>2</sup> FRÈRE, Henri (ed.). *Stace. Silves*. Paris: Société d'édition Les Belles Lettres, 1944, p. xxxii.

<sup>3</sup> GRIMAL, Pierre. *La littérature latine*. Paris : Fayard, 1994, p. 452.

fúnebre em honra de seu pai; V, 5, novo canto fúnebre, este em honra de seu filho. Um outro poema que faz parte dessa lista, II, 7, trata do dia de aniversário do nascimento de Lucano, em versos dedicados a Pola; cuja tradução foi disponibilizada em português pelo professor Antonio Chelini, numa coletânea de poemas líricos latinos, na qual somente este de Estácio comparece<sup>4</sup>.

No poema V, 4, em particular, devemos observar, primeiramente, quão pouco representativo do todo da obra ele se apresenta. Posto que a insônia seja considerada “um tema universal, [...] este é um poema, entretanto, que não conduz o leitor à ‘vida e ao tempo’ de Estácio como fazem os outros poemas que o precedem e que o seguem, os lamentos por seu pai e por seu filho (*Siluae* 5.3 e 5.5)”<sup>5</sup>. Fosse seu intento referir-se à época em que escreve como um período de tensão e crise política, fosse simplesmente a escolha de um tema tão circunstancial quanto o da insônia, Estácio nos surpreende por valer-se de uma longa tradição que versara antes dele<sup>6</sup> em torno do tema — embora não como ele: trata-se o motivo de forma isolada, pontualmente, distanciando-se esteticamente do resto da produção literária citada, no que se refere ao ponto de vista do enunciador: se o do narrador épico era externo, o apresentado por Estácio é interno. O narrador épico apresenta a personagem e seu ambiente com um olhar de onisciência que não vivencia a ação; o eu-lírico estaciano, este sim, por sua vez, experimenta o *estado* da personagem, que se opõe à *ação* que narravam os épicos; além disso, ele é capaz de ultrapassar o espaço em que se afigura e interagir, pela descrição, com o espaço com que não lhe é dado como possibilidade no momento — cria cenas de espaços animados pela natureza e por pessoas, de sorte que as imagens lhe parecem conhecidas de fato<sup>7</sup>.

<sup>4</sup> NOVAK, Maria da Glória & NERI, Maria Luiza (org). Poesia lírica latina. 3ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003, pp. 219-227.

<sup>5</sup> GIBSON, B. J. Statius and insomnia : allusion and meaning in *Siluae*, 5.4. *Classical Quarterly*, 46 (ii), Great Britain, 1996, p. 457.

<sup>6</sup> Cf. Hom., *Il.*, II, 1-6; *Od.*, XX, 52-53; Hes., *Teo.*, 212, 758; Virg., *En.*, IV, 522-532; V, 838; VIII, 26 e ss.; IX, 224 e ss.; Sil. It., X, 343 e ss., Ov., *Met.*, XI, 623.

<sup>7</sup> Cf. Gibson, op. cit., p. 461.

### SOMNVS

Crimine quo merui, iuuenis placidissime diuum,  
quoue errore miser, donis ut solus egerem,  
Somne tuis? Tacet omne pecus uolucresque feraeque  
et simulant fessos curuata cacumina somnos,  
5 nec trucibus fluuiis idem sonus, occidit horror  
aequoris et terris maria adclinata quiescunt.  
Septima iam rediens Phoebe mihi respicit aegras  
stare genas; totidem Oetaeae Paphiaeque reuisunt  
lampades et totiens nostros Tithonia questus  
10 praeterit et gelido spargit miserata flagello.  
Vnde ego sufficiam? non si mihi lumina mille,  
quae sacer alterna tantum statione tenebat  
Argus et haud umquam uigilabat corpore toto.  
At nunc heu! si aliquis longa sub nocte puellae  
15 brachia nexa tenens ultro te, Somne, repellit,  
inde ueni, nec te totas infundere pennas  
luminibus compello meis — hoc turba precatur  
laetior — : extremo me tange cacumine uirgae,  
sufficit, aut leuiter suspenso poplite transi.

### SONO

Por que crime mereci, ó jovem mais plácido dentre os deuses,  
ou por qual erro, pobre de mim, para que sozinho fosse privado dos dons  
teus, ó Sono? Cala-se todo o rebanho, e as aves, e as feras,  
e simulam cansados sonos os curvados cumes das árvores,  
5 nem os furiosos rios têm o mesmo som; sucumbe a agitação  
das águas, e, repousados em seu leito, os mares se aquietam.  
Retornando já pela sétima vez, Febe<sup>8</sup> volta a me olhar as penosas  
pálpebras ficarem imóveis; outras tantas vezes revisitam do Eta<sup>9</sup> e de Pafos<sup>10</sup>  
as estrelas, e tantas vezes os nossos lamentos a Titônia<sup>11</sup>  
10 silencia e, apiedada, dispersa-os com seu gélido flagelo.  
De onde tirei forças? Nem se eu tivesse os mil olhos,  
que, em alternada guarda apenas, mantinha o sagrado  
Argo<sup>12</sup>, e nunca velava com todo o corpo.  
Mas, então, ai!, se alguém, sob a longa noite, da menina  
15 tendo os braços enlaçados, para longe te afasta, ó Sono,  
vem daí; nem a que estendas todas as plumas  
sobre os meus olhos não te constranjo — isso o pede a turba  
mais feliz: toca-me com a pontinha da tua vara,  
é suficiente, ou passa levemente, na ponta dos pés.

<sup>8</sup> Febe é a lua, identificada com a deusa Diana, deusa triforme: é ela Diana ou Ártemis na terra; Febe ou a Lua, no céu; Hécate, nos infernos. Sua figura grave e a claridade trazida à noite que ela representa são as imagens que, neste verso, servem para marcar as sete “noites em claro” em que sofre o eu-lírico.

<sup>9</sup> Localizado entre o sul da Tessália e a Dórida, o monte Eta se fez célebre pelo mito que envolve Hércules e Dejanira (Ov., *Met.*, VIII, 532 e ss.); é tradicionalmente associado ao advento da estrela vespertina e, assim, à chegada da noite.

<sup>10</sup> Em Pafos, localizada em Chipre, cultuava-se a deusa Vênus, que, desde Pitágoras, passou a ser associada tanto à noite quanto à manhã, conforme atestam Cícero (ND, 2, 20, 53) e Plínio (NH, 2, 36). Frère (op. cit., n. à p. 205) identifica na proximidade destas quatro entidades um quiasmo em que se conjugam Febe e Titônia (vv. 7 e 9), Eta e Pafos (v. 8), de modo a revelar um estado cíclico de sete noites e sete manhãs em que o eu lírico se apresenta doente (*aegras genas* [vv. 7-8]). Reafirma, por fim, a lenta passagem da duradoura noite, referida como tal mais adiante, no v. 15, a repetida alusão ao movimento do poente para o nascente, atingido tanto simbolicamente, pelos astros a que se associam Febe e Titônia — Lua e Sol — quanto geograficamente, pela direção oeste-leste que a localização de Eta e Pafos nos dá (Tessália — Chipre).

<sup>11</sup> Titônia é a Aurora, deusa irmã do Sol, cujo carro atrela e, em seguida, precede na chegada do dia. Casou-se com Titono, com quem teve um filho, Ermátion, cuja morte seria a causadora da existência do orvalho, o “gélido flagelo” da deusa, suas lágrimas abundantes.

<sup>12</sup> Argo é uma figura relacionada sempre à visão e aos olhos abertos: teria um só olho, quatro (um para frente e outro para trás) olhos ou todo um milheiro deles espalhado pelo corpo, versão esta mais comumente aceita. De força espantosa, entre outros feitos, o mais famoso entre os poetas parece ter sido a guarda da vaca Io, moça metamorfoseada por Júpiter (Ov., *Met.*, I, 583-723). Para livrá-la do seu sofrimento, o deus envia Mercúrio, que mata Argo e liberta a novilha; Juno, em homenagem ao seu devoto, transporta os seus olhos à plumagem do pavão, ave dedicada à deusa.